

FELIZMENTE, PECAMOS AO SUL DO EQUADOR: A “CURA GAY” E OS USUÁRIOS DA FÉ¹²⁰

KATHARINE NATALY TRAJANO SANTOS

TALITA FERNANDES ARAUJO

Este capítulo, de forma introdutória, busca lançar luz sobre o acervo do *Centro de Documentação* (CEDOC) do Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e se interliga ao nosso trabalho, enquanto historiadoras e discentes do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e do Programa de Pós-graduação em História, assim como na nossa atuação no Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) e o convite à participação no Projeto Internet e Igualdade de Gênero, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc), todos realizados na UFSC.

Estamos pensando a sexualidade enquanto uma importante categoria analítica. Observamos, nos últimos anos, o crescimento dos pânicos morais – nas ruas e na internet – sobre esta, especialmente no que diz respeito às homoafetividades e dissidências sexuais e de gênero, endossadas por discursos religiosos fundamentalistas e supremacistas brancos, que utilizam as redes sociais para reforçar um discurso discriminatório, e, ainda, lucrar com ele.

Parte do acervo do CEDOC, aqui citado, já está disponível para acesso em endereço virtual, assim como as articulações e pedagogias empregadas com e pelos empresários religiosos que chamamos de “usuários da fé”. Focaremos nas “terapias de conversão sexual” ou “cura gay” e num diálogo transnacional e corporativo que tomou corpo no tecido social brasileiro, revelando o uso sistemático de uma prática violenta e nefasta. Destacamos, por exemplo, o caso de Karol Eller: *influencer* digital ligada ao Partido Liberal (PL) que, um mês antes de tirar sua própria vida, participou do retiro Maanaim, da Assembleia de Deus em Rio Verde (GO), “renunciando” à sua homoafetividade. O uso da “cura” por eles empregado é alvo de uma corrente investigação no Ministério Público Federal (MPF) e inspirou a protocolação de um projeto de lei, criado pela deputada Erika Hilton (PSOL/SP), que equipara seu uso à tortura.¹²¹

O corpo é um dos lugares onde o poder e as suas relações se expressam. A sexualidade, no pretense mundo moderno-colonial em que vivemos ao sul global, é constantemente pensada a partir das lógicas de saber/poder dos povos colonizadores. Nesse processo, paternalismo, misoginia,

120 O presente estudo faz parte do Projeto “Internet como campo de disputa pela Igualdade de Gênero”, realizado no Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (Fapesc) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

121 O projeto de lei prevê que seja considerado crime inafiançável, com pena de reclusão de dois a oito anos. Para mais informações, ler a reportagem de Camila da Silva na Carta Capital: <https://www.cartacapital.com.br/politica/apos-a-morte-de-karol-eller-erika-hilton-propoe-lei-para-equiparar-cura-gay-ao-crime-de-tortura/>. Acesso em 2 de Dezembro de 2023.

relações de parentesco, reprodução, fetiches/espelhamentos e outros fatores influenciam e alimentam a colonialidade como processo relacional, continuado mesmo após a nossa independência.

As sexualidades dissidentes são, no Brasil, historicamente, perseguidas, julgadas e eliminadas. O tal “desvio” à norma existe, inclusive, numa relação interdependente, já que é ela quem produz a alteridade para dizer-se central, dominante. No campo da história pública, podemos pensar quanto recente é o debate sobre esta, que sempre foi biologizada, naturalizada e funcionalista:

Desde meados do século XX, a homossexualidade tem sido gradualmente desclassificada como doença, distúrbio ou perversão pelas principais organizações mundiais de saúde, entres elas, a Associação Americana de Psiquiatria (1973) e a Associação Americana de Psicologia (1975), no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia deixou de enquadrar como um desvio sexual dez anos mais tarde, em 1985. Durante a Assembleia Geral de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da lista de doenças mentais, e em 1991, a Anistia Internacional passou a incluir discriminação contra homossexuais como uma violação aos direitos humanos. (SPECK; MARTINS, 2021, n.p).

O material encontrado no acervo do CEDOC nos auxilia a entender essas interações. A passagem aqui acolhida, cujo título é *Cristãos pregam cura para gays*, foi publicada pela *Folha de São Paulo*, importante jornal paulista, no dia 14 de julho de 1998, dentro da seção ‘Mundo’. Transcrevemos a abaixo:

Grupos conservadores cristãos publicaram ontem anúncio de uma página no jornal, dizendo que os homossexuais poderiam ‘superar’ sua condição ao se voltar a Deus. A propaganda apresenta o testemunho de Anne Paulk, ‘esposa, mãe e ex-lésbica’, que diz ter mudado graças à religião. ‘Abandonar o homossexualismo foi uma das coisas mais difíceis que já fiz’. O anúncio, que deve sair também nos jornais ‘The Washington Post’ e ‘USA Today’, causou furor entre homossexuais dos EUA. ‘O ódio e a intolerância que essa propaganda representa são a verdadeira perversão’, disse Tracey Canty, da Força-Tarefa Gay e Lésbica nacional.

É interessante notarmos que, apesar de seus posicionamentos conservadores, a *Folha* endereçou a questão criando uma oposicionalidade que se interliga também ao que vemos no Brasil. De um lado, Anne Paulk e seu testemunho de conversão/rendição divina divulgadas em mídias impressas famosas e de alto custo; do outro, a denúncia de Tracey Canty, integrante de um movimento social organizado que situa, brevemente, a propaganda como um discurso de ódio que contrapõe a ideia de um “bom” cristianismo e, jogando com seu cinismo, declara: essa é a sua verdadeira *perversão*.

Anne Paulk, a “ex-lésbica”, casou-se no início dos anos 1990 com John Paulk, outro “ex-gay”. O casal de “ex-gay” e “ex-lésbica” estava à frente da *Exodus Global Alliance* – organização internacional que promovia a “re-orientação sexual” e tratamento psicoterapêutico para pessoas dissidentes sexuais que quisessem voluntariamente abandonar suas sexualidades. Como afirma Alexandre Oviedo Gonçalves (2016, n.p.), ela foi fundada nos anos 1970 no Canadá e apoiou iniciativas semelhantes nas décadas seguintes em espectro internacional, desembarcando em terras brasileiras “no final da década de 1990 sob a liderança de Esly Regina de Carvalho, doutora em psicologia e especializada em psicoterapia EMDR¹²²”.

Em 2013, uma das sedes norte-americanas foi fechada e em seu site circulou uma nota pública que pedia desculpas aos milhares de pessoas vitimadas pelo dito tratamento, contudo, outras

122 Sigla para “Dessensibilização e Reprocessamento por meio de Movimento Ocular, uma abordagem psicoterapêutica no tratamento de traumas e lembranças dolorosas, desenvolvida por Francine Shapiro, também doutora em psicologia pela Universidade de Denver, Estados Unidos.” (GONÇALVES, 2016, n.p.).

Exodus espalhadas lá e pelo mundo continuariam em pleno funcionamento, uma delas sendo no Paraná – Brasil. No mesmo ano, John Paulk abandonou a sua família, esposa e carreira e declarou o seu retorno à vida homoafetiva¹²³.

Anne tornou-se porta-voz e diretora-executiva da *Restored Hope Network*¹²⁴. John estrelou o documentário *Pray Away*, da Netflix (2021)¹²⁵. Na mesma época, na versão digital da Folha de São Paulo, a jornalista Anna Virginia Balloussier fazia uma extensa matéria sobre a atuação desse movimento e de Andrea Vargas, a “líder do Exodus Brasil e professora da Escola da Sexualidade na Avalanche Missões”¹²⁶.



Figura 1. Captura de tela da página *Exodus Brasil* no Instagram sobre o encerramento de suas atividades

Fonte: Reprodução do Instagram (@exodus_brasil)

Em recente comunicado na página do Instagram da *Exodus Brasil* (Figura 1), a sua equipe anunciava o encerramento “formal” e “legal” da *Exodus* e seu CNPJ junto a uma passagem bíblica e os encaminhamentos para ‘melhorar rotas e estratégias’ por vias informais. A *Avalanche Missões*, em 2022, chegou a faturar R\$ 1.800,00 por aluno na última turma (veiculada nas redes) de sua “Escola

123 Mais informações em: <https://www.josephnicolosi.com/collection/when-an-ex-gay-man-returns-to-a-gay-lifestyle>. Acesso em: 19 de abril de 2023.

124 As suas atividades encontram-se expostas no endereço: <https://www.restoredhopenetwork.org/board-officers>. Acesso em: 19 de abril de 2023.

125 Dirigido por Kristine Stolakis, o filme reúne ex-líderes e sobreviventes da chamada “terapia de conversão” à comunidade LGBTQ+ e as suas consequências.

126 Reportagem disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/09/cupula-ex-ex-gay-afunda-movimento-pro-cura-gay-nos-eua-mas-braco-brasileiro-e-forte.shtml>

da Sexualidade” realizada em encontros que duravam 9 dias em lugares fechados, além de promover outras formações, assessorias e consultorias.¹²⁷

A *Exodus Brasil* teve mais de dezessete (17) eventos para “orientação” de líderes religiosos (pastores, líderes ministeriais) e possíveis pessoas a serem curadas ou que precisam de ajuda com a sexualidade “à luz das escrituras sagradas”.¹²⁸ É importante salientar que discursos de interdição não são algo que nasce com advento das redes, mas as redes sociais dão vazão para esses discursos. Como afirma o historiador Ethan Kleinberg (2020), as mídias digitais como fonte não devem ser uma discussão “superficial” que retém os dados estatísticos. Entretanto, devemos escavar esses discursos para compreender o solo onde estes encontram lugar para se produzir. Nesse processo quase arqueológico, sobre a “cura gay” e o “tratamento de sexualidade”, encontramos ligações do conservadorismo evangélico entre os EUA e o Brasil numa disputa no espaço coletivo pela verdade e história pública.

Como um dos comentários da postagem no Instagram (figura 2), a *Exodus* era responsável por levar “a Verdade libertadora de Cristo”. É importante demarcar que o seguidor da página lamenta o fim dos congressos promovidos, e a empresa, em agradecimento e para confortá-lo, afirma que vai continuar os trabalhos, mas de forma mais “discreta”.



Figura 2. Captura de tela dos comentários em postagem sobre o encerramento de suas atividades
Fonte: Reprodução do Instagram (@exodus_brasil).

127 Dados retirados do site da organização: <https://avalanchemissoes.org/sexualidade/>. Acesso em: 19 de abril de 2023.

128 Trecho de um dos vídeos de divulgação do 17º Congresso Exodus Brasil (realizado de forma remota devido a pandemia de Covid-19 e as restrições de encontros presenciais) publicada na página do Instagram da Exodus Brasil.

Desde 1999 os psicólogos brasileiros são proibidos a partir de uma resolução de fazer terapias de reversão de sexualidade. Porém, em 2017, a Justiça Federal do Distrito Federal concedeu liminar, a partir de uma ação de psicólogos cristãos, para os mesmos fazerem, sem embargos, terapias de reversão de sexualidade. Essa liminar ficou em vigor até 2019, quando a ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), proibiu em todo território nacional qualquer terapia desse tipo. Portanto, nesse contexto de proibição nacional dessas práticas popularmente chamadas de “cura gay”, os donos das páginas afirmam que o trabalho agora vai ser mais “discreto” – possivelmente, entendemos, para não receber nenhuma ação do estado ou denúncias de organizações de Direitos Humanos.¹²⁹

O dispositivo da sexualidade, como já trabalhado por Foucault (1999), está não apenas no sujeito, sua construção subjetiva e afetiva-sexual – ele é fabricado e opera estruturalmente em nossa sociedade, buscando delimitar ou definir, em diferentes culturas euro-americanas ou por estas colonizadas, uma prática sexual enquanto norma e uma “funcionalidade” dos corpos. Isto se dá através das leis, proibições, interditos e outros jogos morais que condenam aqueles que transgridem ao modelo idealizado da sexualidade, seja por identificação ou condição.

Hoje, graças às muitas críticas traçadas pelo movimento feminista e transfeminista, podemos esquadrihar a construção cisgênera e a heterossexualidade como sistemas de opressão que nos chegaram, há muito, sob o vento das caravelas, bulas episcopais e operação jesuítica. Que, em constante (re) atualizações, seguem operando.

No texto *Pensando o sexo*, traduzido por Felipe Fernandes, Miriam Grossi e publicado em 2012 para o público brasileiro, acompanhamos a historicização do pânico moral sobre a sexualidade feita pela teórica feminista Gayle Rubin. Nesta, ela parte de eventos, convenções, leis e outras produções acerca das práticas sexuais elaboradas no contexto euro-americano desde os finais do século XIX até a contemporaneidade. A autora partilha uma “codificação institucional” que a sexualidade passou e passa, destacando que, se “o sexo é sempre político” (p.1), temos períodos históricos onde ele é excessivamente politizado, contestado ou utilizado como *token*. E isso acontece nas instâncias das relações sociais, nas vidas em comunidades, íntimas, na produção da pornografia, no parentesco, na infância, na religião, entre outras.

Rubin traz algumas discussões que se inserem no que é exposto na *Folha* e no trabalho da *Exodus Brasil*; destacamos a ideia de “negatividade sexual” onde o ato sexual é cristianizado e tratado como algo perigoso, pecaminoso, e sua função reside na procriação e o prazer só é aceito se não for algo libidinoso ou em “demasiado”. Em 2020, a *Agência Pública* junto à *Ojo Público*, *El Surtidor*, *Mexicanos contra la corrupción y la impunidad*, *La Barra Espaciadora do Equador*, publicaram em colaboração sobre as ações anti-lgbt e anti-trans da *Exodus Global Alliance* na América Latina, o especial “*Nega-te a ti mesmo*”.¹³⁰ Nele, destacam a criação da Exodus em 1976 a partir de um congresso para “ex-gays” realizado por um convertido, Frank Worthen, figura que se dizia “liberto” por Jesus, e que se casou com uma mulher e formou o ministério *Love in Action*.

129 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2023/06/cura-gay-usava-brecha-da-oms-e-foi-suspensa-em-2019-entenda.shtml>. Acessado em 21 de novembro de 2023.

130 Levando dois anos de investigação, o material final ficou disponível para acesso no site da Agência Pública: <https://apublica.org/2020/12/organizacao-crista-internacional-exodus-promove-reorientacao-sexual-para-lgbtqi-na-america-latina/>. Acesso em: 19 de abril de 2023.

Pensar o conservadorismo evangélico brasileiro é um dos assuntos mais complexos de pesquisa e, aqui, estamos realizando um breve debate. Destacamos que o movimento evangélico é o que mais cresce no país. Conforme outra passagem recente da Folha de São Paulo (2020), as projeções indicam que metade da população brasileira será evangélica em dez anos¹³¹, e seu avanço se dá em territórios periféricos e majoritariamente formados por mulheres negras.

Segundo Jacqueline Teixeira (2012), antropóloga da Religião, os discursos que fomentam os jornais são base institucional das igrejas, enquanto a realidade material da vivência dos sujeitos estão para além disso. Há dinâmicas nesses espaços que não recebem somente a influência das lideranças institucionalizadas, assim como, nem sempre o discurso hegemônico é o que está gerindo a vida de todas as pessoas envolvidas nesta religião e em suas práticas religiosas, cotidianas.

É preciso demarcar que os discursos violentos atravessam e influenciam as vivências dos sujeitos que frequentam esses espaços, mas estes não são uma massa homogênea de pensamento ou posicionalidade, posto que todos possuem agência de negociar, seguir ou não tais prerrogativas institucionais. Ainda segundo Foucault, “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram e se excluem” (2014, p. 50).

Portanto, mesmo com agência, é importante pensar que o discurso cristão que se institucionaliza não pode ser dissociado do lugar de poder na sociedade que autoriza esse discurso e, ao mesmo tempo, determina – ou permite – que esses sujeitos falem. Os grupos responsáveis por sua disseminação tiveram lugar ativo nas mídias hegemônicas brasileiras e estadunidenses, graças à isenção de impostos e tributos fiscais (com a Constituição de 1988), indo desde a sua versão impressa à televisão, às rádios e, recentemente, se fortalecendo com as redes sociais e canais de streaming próprios.

Sobretudo, por trás/no solo do discurso moralista, os sujeitos cristãos simpatizantes à prática da conversão (e, conseqüentemente, a um projeto de extermínio da dissidência sexo/gênero) estão construindo um enunciado de verdade e uma ideia de verdade. Este termo foi, inclusive, o slogan de muitas de suas campanhas, como a do 16o. Congresso Nacional da Exodus: “Sexualidade, Verdade e Graça”, realizado em Campinas – São Paulo, em novembro de 2019, no Acampamento Recanto Maanaim.

A “verdade” sempre foi questão de disputa quando falamos de sexualidade, religião e do pânico moral; foi também uma grande questão para Michel Foucault, justamente porque a disputa é pelos enunciados que dão sentido a uma ideia de “verdade”, quem produz, a quem se dirige, onde se localiza e aparece e quais os seus efeitos.

Um dos livros teológicos que é base para as igrejas pentecostais e neopentecostais, é a obra estadunidense “*A verdade Absoluta: libertando o cristianismo do seu cativo cultural*”, escrita por Nancy Pearcey¹³².

131 Reportagem de Felipe Bächtold, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/12/evangelicos-serao-maioria-no-brasil-em-10-anos-disse-mendonca-indicado-ao-stf.shtml>. Acesso em: 19 de abril de 2023.

132 Nancy Pearcey - Se converteu na Comunidade L'Abri com Francis Schaeffer. Graduada em Ciências Humanas pelo Covenant Theological Seminary e Pós-graduada em teologia e filosofia pelo Institute for Christian Studies. É catedrática no Instituto de Jornalismo Mundial, onde este livro serve como base para o currículo de “Visão do mundo”. É também professora convidada da Universidade Biola (Califórnia) e do Discovery Institute. Pearcey também já teve seus artigos publicados no Washington Post, Washington Times, entre outros e é autora de diversos livros, entre eles “E Agora, Como Viveremos?” (com Charles Colson), “O Cristão na Cultura de Hoje” (também com Colson), “Verdade Absoluta” e “Ama teu Corpo”, todos publicados pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). Disponível em: <https://www.livrariadesadoevangelho.com.br/verdade-absoluta-nancy-pearcey>. Acesso em 19 de abril de 2023.

Ela foi traduzida no Brasil pela editora da Igreja Assembleia de Deus¹³³, parte fundamental do movimento evangélico pentecostal que surge aqui sob influência direta do movimento pentecostal norte-americano. Esta tem como grande figura e “cabeça” o pastor Silas Malafaia¹³⁴, influenciador de outros movimentos neopentecostais e um dos religiosos mais ricos do país.

O livro apresenta uma *cosmovisão*, como a autora intitula, baseada no cristianismo, e em sua parte inicial apresenta:

Este livro se dirige a quem tem fome e oferece nova direção para promover o movimento da cosmovisão. Ele ensina a identificar a divisão entre o secular e o sagrado, que mantém a fé trancada na esfera particular da “verdade religiosa”. Conduz o leitor por etapas práticas e executáveis para formar habilmente uma cosmovisão cristã na vida e no trabalho, além de ensinar a aplicar uma grade de cosmovisão para sair do labirinto desorientante de ideias e ideologias que há no mundo pós-moderno. (PEARCEY, 2006, p.13)

Um de seus principais argumentos é que é necessário tirar a religião do âmbito privado e colocá-la na mesa pública – nesse sentido, em cargos públicos – com o intuito de instituir a verdade absoluta do cristianismo e libertá-lo das ‘amarras culturais’, pois ele seria, em si, uma verdade objetiva e universal. Destacamos abaixo algumas de suas passagens:

É crucial percebermos que os não-crentes estão constantemente filtrando o que dizemos através da grade mental fato/valor. Por exemplo, quando declaramos a posição sobre o aborto, ou a bioética, ou a homossexualidade, queremos afirmar uma verdade moral objetiva importante para a saúde da sociedade; porém, eles pensam que estamos expressando somente nosso preconceito subjetivo. Quando dizemos que há evidências científicas a favor do desígnio no universo, nós queremos demarcar uma verdade examinável; mas eles dizem: “O direito religioso está se apoderando do poder político”. A grade fato/valor dissolve de imediato o conteúdo objetivo de tudo que dizemos. Não teremos êxito em apresentar o conteúdo de nossa crença na discussão pública, a menos que encontrarmos meios de primeiro passar por esta guardiã. [...] é por isso que Lesslie Newbigin advertiu que o conceito dividido da verdade é o fator primário no “cativeiro cultural do evangelho”. Mantém preso o cristianismo no pavimento de cima dos valores privatizados, e o impede de causar efeito na cultura pública. Tendo trabalhado como missionário na Índia por quarenta anos, Newbigin pôde discernir o que é distintivo no pensamento ocidental com mais clareza que nós, o qual esteve imerso por toda a nossa vida. Ao voltar para o Ocidente, ele ficou surpreso pelo modo como a verdade cristã foi marginalizada. Newbigin viu que toda posição rotulada de religião é colocada no pavimento de cima dos valores, onde não é mais considerada conhecimento objetivo. (PEARCEY, 2006, p.17).

Trazer essa base teológica é importante para pensarmos que não é contra uma parte da bíblia que considera a homossexualidade pecado que estamos lutando no campo progressista. Existe um esforço teológico para construir sistemas que produzem enunciados sobre verdades para produção de pânico morais que atingem diretamente populações que, no Brasil, já vivem sob ataque e precariedade. E, sobretudo, é um sistema em que seus autores lucram com isso usando a moralidade em prol de um projeto político, que, além de historicida, é genocida, sendo levado para as políticas públicas por meio de diferentes agentes em diferentes espaços.

133 Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD).

134 Silas Lima Malafaia (Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1958) é um pastor protestante pentecostal brasileiro, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Malafaia também é televangelista, graduado em psicologia, presidente da editora Central Gospel, além de ser vice-presidente do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMEB), entidade que agrega cerca de oito mil pastores de quase todas as denominações evangélicas brasileiras. Malafaia é bastante conhecido por sua atuação política e pelo discurso de ódio sobre temas como homossexualidade e aborto, bem como por defender a chamada teologia da prosperidade. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Silas_Malafaia. Acesso em: 19 de abril de 2023.

No campo epistêmico existe uma produção teológica para dar sentido aos empenhos contra qualquer medida política a favor da população dissidente. Existe uma disputa para a construção de forma de verificação da verdade, com o cristianismo como base de toda verdade – como afirma a autora no enunciado de seu livro, uma verdade *absoluta*. Salientamos que eles não consideram que o cristianismo como religião é um discurso hegemônico, principalmente os evangélicos pentecostais, por estarem desvinculados da igreja católica que por muito tempo esteve vinculada aos Estados. Em certa medida, eles consideram que estão alijados do debate público e precisam “lutar” para ter um espaço de debate.

Para além de uma resistência da sociedade às mudanças, a imagem da dissidência sempre foi uma imagem histórica de ameaça ao *status quo*. Há uma disputa pelo enunciado da “verdade”. O que é verdade e do que pode ser reconhecido como tal é o cerne da disputa onde se dá o pânico moral. Ochy Curiel (2013) já nos falava que a homoafetividade historicamente, em países colonizados, foi e era uma ameaça à ordem da “nação heterossexual” enquanto regime e fundamento de dominação.

Foucault, em “A coragem da verdade” (2014, p. 288), vai discorrer sobre o *parresia*, que para ele é “um modo de ser [...] em certos contextos e em certas circunstâncias, é a conotação da coragem e ousadia para falar, mas é também uma atitude do coração, uma maneira de ser que não tem necessidade de manifestar no discurso”. Portanto, a teóloga ao intitular seu livro de “Verdade Absoluta” quer recuperar o sentido da *parresia*, da coragem da verdade, uma forma de recuperar e distorcer um sentido antigo de perseguição que o cristianismo foi submetido antes da institucionalização sobre o qual o autor diz ser uma “tradição mística do cristianismo”.

Mas, atualmente, ele se encontra no campo da impossibilidade, uma vez que a luta encampada pela autora é contra a pós-modernidade. Sendo essa postura totalmente anti-pareisiática, “onde a verdade só pode ser estabelecida na obediência temerosa e reverenciosa em relação a deus, sob forma de decifração suspeitosa sobre si.” (FOUCAULT, 2014, p. 296). Na última página do manuscrito de seu último curso, ele rabiscou “[...] aquilo que gostaria de insistir para terminar é o seguinte: não há instauração da verdade sem uma posição essencial de alteridade; a verdade nunca é a mesma; e só pode haver verdade na forma de outro mundo e de outra vida.” (FOUCAULT, 2014, p.316).

Portanto, o que fica é como as pessoas reconhecem que determinadas coisas são verdade, como disputar o enunciado com o profeta ou com os evangélicos contemporâneos. Quais as posições de poder na ordem do discurso que podem estabelecer o que é verdade? Os discursos e os enunciados dessa teologia defendem que a religião é local de “cura” para imoralidade por carregar uma moral “real”, “verdadeira”, “absoluta” e “universal”, como defendida por Nancy Pearcey (2006).

Comentários finais

No contexto brasileiro pós-golpe, muito da ascensão bolsonarista¹³⁵ se deu pela midiaticização do pânico sexual feita pelas redes sociais, sendo o Facebook sua primeira mídia e o WhatsApp e Telegram as mais utilizadas no período eleitoral. Ainda que sem as devidas regulamentações e segurança, somos um dos países que mais utiliza e consome redes sociais, logo, é preciso reconhecer

135 “O bolsonarismo é compreendido neste trabalho como a atualização de um movimento político que articula os sistemas de crenças, valores morais, modos de agir e linguagens que vinculam os grupos de direita nos espaços públicos desde o processo de redemocratização do Brasil e, mais recentemente, nos ambientes de sociabilidade digital”. (SANTOS, 2022, p.95).

como estas influenciam/moldam o debate público junto a outros agentes. Em 2010, Bolsonaro, então deputado federal, subiu à tribuna do Congresso Nacional e proferiu um discurso contra o lançamento pelo governo federal de uma campanha de combate à homofobia. Tal gesto, concordamos com Allan Santos (2022, p. 94), integra a “genealogia do pânico sexual que o projeto de poder bolsonarista fabricaria na cultura brasileira contemporânea”. A ascensão se deu em 2010, mas esse discurso, como debatemos desde o início do texto, se localiza em profundas dimensões políticas, afetivas e estruturais da cisheteronormatividade.

É importante mencionar que o pânico moral, está no imaginário daquilo que foi convencionalmente chamado de “ideologia de gênero”, nascido dentro da Igreja Católica a partir dos escritos de Joseph Aloisius Ratzinger (1997), então cardeal e, posteriormente, Papa. (MISKOLCI; CAMPANA, 2017). ESSE DISCURSO, RAPIDAMENTE, TEVE ACOLHIMENTO NO TECIDO SOCIAL EVANGÉLICO pentecostal por defender um ideal heteronormativo de família e um controle a partir da “cura” e “tratamento” das sexualidades dissidentes. Enfatizamos que o enunciado sobre a sexualidade está sendo disputado, no percurso gerativo de sentido, nos discursos cristãos hegemônicos. Dentre eles, a sexualidade dissidente deveria ser superada pela religião. Contudo, a violência dessa prática é ignorada pela teologia cristã de Nancy Pearcey (2006), que trouxemos brevemente aqui. Segundo ela, a perseguição dos cristãos deveria ser estabelecida no campo público da busca e satisfação da “Verdade Absoluta”.

Portanto, se é a partir do controle da sexualidade que a ordem vigente se regula, é através dela que poderemos romper com esta mesma ordem. Se tivermos o que Michel Foucault (2014) chama de *parresia*, não se trata de afirmar qual discurso enunciado é verdadeiro; mas, entender quais os discursos que o sujeito é capaz de dizer sobre si. Contrapondo as teologias que servem ao controle da sexualidade e que se difundem na América Latina, estão os movimentos de pessoas feministas evangélicas e as teologias *queer* aqui localizadas. Estas traçam críticas e renunciam aos dogmas colonialistas de verdade, refletindo sobre a transcendência da vida cotidiana experimentada pelas pessoas. Mesmo não sendo reconhecida pelo cristianismo hegemônico, a teologia *queer* latina tem nomes de relevância global como Marcella Althaus-Reid e organizações como a *Rede de Mulheres Negras Evangélicas*¹³⁶.

De 1998 até aqui são mais de duas décadas de avanços e alguns retrocessos em nossa luta – mas é exatamente nesse lugar que a contra hegemonia reside. Entre os EUA e o Brasil, inúmeras relações não passam despercebidas, inclusive pela mídia tradicional. Em 1998 e nesse início da década de 2020, a *Folha de São Paulo* voltou aos pânicos de formas diferentes, como expusemos – a incursão no CEDOC e seu acervo pôde auxiliar a dimensionar tais movimentações e suas continuidades, assim como as referências que trouxemos localizam nos campos históricos, sociais e religiosos brasileiros as ligações contemporâneas entre a sexualidade e a fé cristã, sobretudo, neopentecostal.

Maanaim é o nome dos retiros religiosos onde a cura gay foi mote – seja o espaço onde teve o Congresso da Exodus ou onde Karol Eller passou um período antes de fazer a sua passagem. Nosso título, em contrapartida, se soma à música escrita por Chico Buarque e Ruy Guerra, eternizada na voz de Ney Matogrosso, um de nossos maiores dissidentes ainda em vida, para dizer que, apesar

136 Não nos aprofundaremos aqui, mas destacamos que Marcella Althaus-Reid foi uma argentina que difundiu os estudos em teologia *queer*, estabelecendo um novo campo de estudos dentro da teologia e que, a Rede de Mulheres Negras Evangélicas (RMNE) surge no ano de 2018, em Pernambuco. Nos últimos anos, essa mobilização feminista evangélica vem sendo cartografada através das redes sociais e grupos.

desse cenário fundamentalista e na resistência a ele, afirmamos um convite à prática daquilo que a sua poética diz não existir do lado de baixo do Equador: o pecado. Então, “vamos fazer um pecado/ rasgado/suado/a todo vapor...”.

Referências

ALVES, José Eustáquio Diniz. Projeções indicam que evangélicos serão maioria no Brasil nos próximos dez anos. Projeto Colabora. Publicada em 30 de maio de 2022. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods16/transicao-religiosa-evangelicos-serao-maioria-nos-proximosdezanos/#:-:text=O%20resultado%20desta%20proje%C3%A7%C3%A3o%20est%C3%A1,%2C8%25%20no%20mesmo%20per%C3%ADodo>. Acesso em 19 de abril de 2023.

CURIEL, Ochy. *La nación heterosexual*. Análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación. Bogotá: Brecha Lésbica, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade: O Governo de Si e dos Outros II*. Martins Fontes, São Paulo, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/ Michel Foucault; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, Volume 1: A Vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GONÇALVES, Alexandre Oviedo. Pastorais sexuais – mapeando discursos públicos acerca da controvérsia “Cura Gay”. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30ª Edição, 2016, João Pessoa. Artigo publicado nos Anais do evento. João Pessoa: RBA, 2016.

KLEINBERG, Ethan. *Historicidade espectral: teoria da história em tempos digitais*. Tradução e apresentação: André da Silva Ramos. Coleção Fronteiras da Teoria, volume 5. Vitória: Editora Milfontes, 2020. E-book Kindle.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Revista Sociedade e Estado* – Volume 32, Número 3, setembro/ dezembro 2017: p 725-747.

PEARCEY, Nancy. *A verdade Absoluta, libertando o cristianismo do seu cativo cultural*. Tradução: Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina, 2006.

RUBIN, Gayle. *Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade* (2012). Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes e Revisão de Miriam Pillar Grossi. Disponível em : <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1582/gaylerubin.pdf?sequen>. Acesso em 10/04/2023.

SANTOS, Allan. Reflexões sobre a importância do pânico sexual para a ascensão do bolsonarismo ao poder. *Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF*. v. 16, n. 3, p. 92-111, set. /dez. 2022

SPECK, Débora; MARTINS, Pâmela de A. Descriminalização da Homossexualidade. *Instituto de Estudos em Gênero*, 07 de abr. 2021. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/noticias/454>. Acesso em 10/04/2023.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *Da controvérsia às práticas: conjugalidade, corpo e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal*. 2012. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/SBD). São Paulo.